

**A AUTOBIOGRAFIA FILOSÓFICA EM JEAN-JACQUES ROUSSEAU E  
FRIEDRICH NIETZSCHE**

**THE PHILOSOPHICAL AUTOBIOGRAPHY IN JEAN-JACQUES  
ROUSSEAU AND FRIEDRICH NIETZSCHE**

**LA AUTOBIOGRAFÍA FILOSÓFICA EN JEAN-JACQUES ROUSSEAU Y  
FRIEDRICH NIETZSCHE**

Leonice da Conceição Pinheiro Silva<sup>1</sup>  
Luciano da Silva Façanha<sup>2</sup>  
Flavio Luiz de Castro Freitas<sup>3</sup>

**RESUMO**

O objetivo central deste trabalho consiste na investigação acerca da relação entre o pensamento filosófico e a escrita de si nos autores Jean-Jacques Rousseau e Friedrich Nietzsche. Para tal, analisam-se as seguintes obras centrais: “Os devaneios do caminhante solitário” (1782) de Rousseau, e o “Ecce Homo” (1888) de Nietzsche. Nas obras citadas percebe-se algo além de uma subjetividade individual, com diferentes nuances e objetivos, mas, a sagacidade de refletir no interior do discurso filosófico, questões sobre o Eu e o mundo exterior. Rousseau deixa-se arrastar pela corrente de sensações, recordações e imaginação, faz de seus devaneios uma técnica de vida e escrita. A busca pelo Eu, o isolamento, possui um rigor metódico, busca a verdade e transparência, onde a vida em sociedade não permite. Semelhante constituição paradoxal, ocorre com a autobiografia de Nietzsche, seus aforismos últimos, perpassam o caráter autobiográfico, eles são um trabalho genealógico onde ele analisa a sociedade a partir da escrita de si. Para o processo metodológico utilizou-se a pesquisa qualitativa e bibliográfica, prezou-se pela organização do discurso demonstrativo dos autores, quais suas ideias centrais acerca do referido debate e seus pressupostos.

**Palavras-chave:** Rousseau; Nietzsche; autobiografia filosófica; filosofia; literatura.

**ABSTRACT**

The central objective of this work is to investigate the relationship between philosophical thought and the writing of the self in Jean-Jacques Rousseau and Friedrich Nietzsche. To this end, the following central works are analyzed: “Reveries of the Solitary Walker” (1782) by Rousseau, and “Ecce Homo” (1888) by Nietzsche. In the works cited we can perceive something beyond an individual subjectivity, with different nuances and objectives, but the sagacity to

---

<sup>1</sup> Mestranda em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão. Licenciada em Ciências Humanas (UFMA), Bolsista de estímulo à produtividade em pesquisa FAPEMA. Universidade Federal do Maranhão. E-mail: leonice158@gmail.com.

<sup>2</sup> Pós-Doutorado em Filosofia, estética do Século XVIII - PUC/SP. Doutor e Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Bacharel em Direito pela Universidade Cidade de São Paulo e licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão. Atualmente é Bolsista de estímulo à produtividade em pesquisa FAPEMA (Doutor Sênior Edital nº 07/2021). Universidade Federal do Maranhão. E-mail: luciano.facanha@ufma.br.

<sup>3</sup> Doutorado e Pós-Doutorado em Filosofia com área de concentração em Estrutura e Gênese do Conceito de Subjetividade pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Universidade Federal do Maranhão. E-mail: flavio.luiz@ufma.br.

reflect within the philosophical discourse and questions about I and the outside world. Rousseau lets himself be swept along by the current of sensations, memories, and imagination, he makes his daydreams a technique for living and writing. The search for the Self, the isolation, has a methodical rigor and seeks truth and transparency, which life in society does not allow. Similarly, a paradoxical constitution occurs with Nietzsche's autobiography, his last aphorisms go beyond the autobiographical character, they are a genealogical work where he analyzes society from the writing of the self. For the methodological process, it was used in qualitative and bibliographical research, it was prized for the organization of the authors' demonstrative speech, which their central ideas about the referred debate and its assumptions.

**Keywords:** Rousseau; Nietzsche; philosophical autobiography; philosophy; literature.

## RESUMEN

El objetivo principal de este trabajo es investigar la relación entre el pensamiento filosófico y la escritura del ser en Jean-Jacques Rousseau y Friedrich Nietzsche. Para ello, se analizan las siguientes obras centrales: “Los sueños del caminante solitario” (1782), de Rousseau, y “Ecce Homo” (1888), de Nietzsche. En las obras citadas podemos percibir algo más allá de una subjetividad individual, con diferentes matices y objetivos, pero, la sagacidad de reflexionar dentro del discurso filosófico, cuestiones sobre el yo y el mundo exterior. Rousseau se deja arrastrar por la corriente de las sensaciones, los recuerdos y la imaginación, hace de sus ensoñaciones una técnica de vida y de escritura. La búsqueda del yo, del aislamiento, tiene un rigor metódico, busca la verdad y la transparencia, allí donde la vida en sociedad no lo permite. Igualmente paradójica constitución, ocurre con la autobiografía de Nietzsche, sus últimos aforismos, van más allá del carácter autobiográfico, son una obra genealógica donde analiza la sociedad desde la escritura de sí mismo. Para el proceso metodológico se utilizó la investigación cualitativa y bibliográfica, se valoró por la organización del discurso demostrativo de los autores, que sus ideas centrales sobre el referido debate y sus supuestos.

**Palabras clave:** Rousseau; Nietzsche; autobiografía filosófica; filosofía; literatura.

## INTRODUÇÃO

Diante de tantos outros escritos de Jean-Jacques Rousseau, os textos autobiográficos ocupam um lugar especial. Em seus últimos anos, se voltou para questões de cunho mais pessoal e sensível. O filósofo genebrino, após a escrita e o consequente sucesso, rico em polêmicas, de seu texto autobiográfico, cujo título é “Confissões”, inicia em 1776 seu novo projeto intitulado de “Os devaneios de um caminhante solitário”, o qual pode ser considerado a sua última etapa na busca incansável pelo Eu. A obra compõe não confissões ou memórias, vindo a se arrastar pelas vias da imaginação, sensações e recordações. As caminhadas são suas inspirações, durante seus passeios busca escrever e anotar seus devaneios.

Rousseau faz de seus devaneios técnica de vida e escrita. A obra se divide em dez capítulos ou “caminhadas”, permeadas de multiplicidade e descontinuidade de uma experiência vivida, busca e conhecimento sobre si. Essa solidão necessária faz com que

em diversos momentos seja retomado o tema da liberdade do indivíduo mediante os vícios e constrangimentos da sociedade. Portanto, seus devaneios são um panorama para o tema da liberdade.

A metodologia adotada para este artigo é de cunho bibliográfico. Num primeiro momento, foi feito um breve levantamento de dados das obras. Posteriormente, buscou-se investigar as noções acerca da escrita autobiográfica em Rousseau e Nietzsche. Analisou-se as seguintes obras, “Os devaneios de um caminhante solitário de Rousseau” e o “Ecce homo” de Nietzsche, que é inicialmente uma espécie de autobiografia intelectual do autor e uma análise de seus trabalhos mais importantes.

Pode-se dividir o “Ecce homo” em duas partes: uma autobiográfica e uma genealógica, composta pelos quatro primeiros capítulos. Nos demais capítulos ele apresenta a gênese da composição e relevância dos seus escritos anteriores. E no último capítulo ele faz uma síntese de toda a sua real intenção que se constitui em uma crítica à moral cristã, reafirma sua moral da saúde e apreço à vida, demonstrando as fontes da doença e conseqüentemente a miséria espiritual da civilização ocidental.

Dessa forma, o gênero filosófico-literário da autobiografia ocupou e continua ocupando um papel fundamental para a compreensão da subjetividade individual e a subjetividade de uma cultura. Mais que isso, podemos afirmar que a escrita autobiográfica se constitui como um privilegiado modo de manifestação desse “espaço interior”, ao qual denominamos consciência ou sujeito. É notório que apesar das severas críticas de Nietzsche ao genebrino, ambos inauguram grandes marcos na escrita autobiográfica.

## **ESCRITA DE SI E SOLIDÃO: TRAÇOS DE UMA SUBJETIVIDADE FILOSÓFICA EM ROUSSEAU**

Neste artigo busca-se pontuar a escrita de si como método filosófico a partir da última obra de Jean-Jacques Rousseau, “Os devaneios de um caminhante solitário” (1782). A obra foi escrita com o intuito de ir além do seu primeiro escrito autobiográfico intitulado “As Confissões”. A busca incessante pelo desejo de encontrar o sentido do Eu — conhecer a si mesmo — e do afastamento ao mundo solitário se tornam técnica de vida e escrita filosófica. Segundo Façanha (2007, p. 124):

[...] observa-se, ainda nos *Esboços das Confissões*, portanto, antecedendo numa tentativa preliminar a publicação das *Confissões*, a convicção de Rousseau quanto ao caráter diferencial e inaugural do gênero dessas suas reflexões; pois, se bem sucedido no “cumprimento de suas promessas”, ou seja, tornar a sua alma transparente aos olhos do leitor, irá conduzi-lo a algo único e também útil. Além disso, parece subsistir um pouco de incerteza, porque o próprio Rousseau sabe da dificuldade da escrita e do que ela, de alguma forma, possa encobrir. A linguagem, portanto, passa a ser esse instrumento tão útil e decisivo, tanto para aquele que escreveu, quanto para quem a reconhece. [...] Promete a transparência de si servindo-se da **linguagem do sentimento** e, acima de tudo, conforme se auto-intitula um homem do povo, condição essa que se em princípio não despertaria atenção dos leitores, torna-se fundamental no projeto: *As Confissões*. A afirmação dos direitos do sentimento e a justificação do homem do povo andam juntas.

Rousseau se propõe a efetuar algo novo, essa linguagem do sentimento, muito observada nas *Confissões*, faz com que o autor se destaque nessa busca pela verdade sobre si mesmo, feito que só será possível através da escrita autobiográfica. De acordo com **Façanha** (2007), o gênero autobiográfico consegue dar acesso a uma verdade melhor do que uma pintura, consegue alcançar o “interior”. Mas, da mesma forma, pode levar a dissimulação na escrita, tal como Rousseau critica Montaigne e seus demais predecessores. Dessa forma, na interpretação de Starobinski (1991, p. 89):

O que os escritos autobiográficos vão colocar em discussão não será o conhecimento de si propriamente dito, mas o reconhecimento de Jean-Jacques pelos outros. As *Confissões* são essencialmente uma tentativa de retificação dos erros dos outros, e não a busca de um tempo perdido. A preocupação de Rousseau começa então, com esta pergunta: por que o sentimento interior, imediatamente evidente, não encontra seu eco em um reconhecimento imediatamente concedido? Por que é tão difícil fazer concordar o que se é para si e o que se é para os outros? A apologia pessoal e autobiográfica se tornam necessárias a Jean-Jacques porque a clareza da consciência de si lhe é insuficiente na medida em que não se propagou para fora e não se desdobrou em um claro reflexo nos olhos de suas testemunhas.

Dessa forma o esquema de escrita autobiográfica em “*As Confissões*” de Rousseau, assume um movimento estratégico, a clareza da consciência de si deveria se propagar para fora. Conforme, Blanchot argumenta, as distinções entre as “*Confissões*” de Santo Agostinho e Montaigne para as “*Confissões*” de Rousseau, é que ambos não conseguiram uma proposta semelhante, o fio condutor e distintivo de Rousseau, reside no sentimento. Nesse sentido, Blanchot (2005, p. 62) aponta que:

Nem Santo Agostinho, nem Montaigne, nem os outros tentaram algo semelhante. Santo Agostinho se confessa com relação a Deus e à Igreja; tem essa verdade como mediadora, e não cometeria a falta de falar imediatamente de si. Montaigne não tem mais certeza sobre a verdade de fora do que sobre sua verdadeira intimidade [...]. Mas Rousseau nunca duvidou da felicidade de imediato, nem da luz inicial que lhe aparece, felicidade que ele deve desvendar para prestar testemunho de si mesmo e, ainda mais, da transparência em si.

Dessa forma, o genebrino traduz essa linguagem do sentimento a partir da tentativa de mostrar-se ao público tal como é, sendo assim, se debruça a essa árdua tarefa:

[...] é preciso que de mim nada fique mal explicado ou escondido; é preciso que incessantemente me mantenha debaixo dos seus olhos; que ele me siga em todos os erros do meu coração, em todos os recantos de minha vida; que não me perca de vista um só instante, de modo que, encontrando em minha narrativa a menor lacuna, a menor falha [...]. Com minhas confissões já dou bastante pasto à malignidade dos homens para dar-lhes mais ainda com meu silêncio (ROUSSEAU, 2011, p. 70).

Decerto, a noção de autobiografia se coloca sob a perspectiva de escrever tudo sobre si. Sem obscuridades, por meio dessa linguagem do sentimento. Nas palavras de Starobinski (1991, p. 187) “o conhecimento de si não é um problema, é um dado” para Rousseau. Seguindo a ordem estética-existencial, observa-se um exercício de conhecimento e existência, imerso em um desejo de transparência, que o leva à necessidade de recomeçar e conquistar uma unidade entre o Eu e a linguagem. Em sua fase tardia, trabalha com uma abordagem nova, diferente da utilizada em sua obra anterior, com “Os devaneios de um caminhante solitário” Rousseau mergulha em seus delírios, logo na primeira caminhada, propõe uma nova abordagem metodológica:

Eu escrevia minhas primeiras *Confissões* e meu *Diálogos* numa preocupação contínua quanto aos meios de desviá-los das gananciosas mãos de meus perseguidores para transmiti-los, se possível, a outras gerações. A mesma inquietude não me atormenta mais para este texto [...] (ROUSSEAU, 2017, p. 21 – 22).

Rousseau empreende o exercício de uma escrita de si atrelada ao pré-romantismo, a subjetividade nasce como campo semântico, dramático e lírico. Essa estética textual, uma estratégia muito bem elaborada, esboça denso inventário pessoal

com reflexões voltadas para os sentidos de sua existência e relação com a natureza. “Essas horas de solidão e de meditação são as únicas do dia em que sou eu mesmo e me pertencem sem distração e sem obstáculo, e nas quais posso verdadeiramente dizer que sou o que a natureza desejou” (ROUSSEAU, 2017, p. 23).

A existência e a solidão se apresentam como fenômenos únicos e necessita serem vivenciados, assim como Rousseau (2017, p. 15) aponta, “mas, quanto a mim, afastado [...] de tudo, o que sou? É o que me resta descobrir”. Essa resistência se apresenta relativamente, não é compreendida universalmente, um fenômeno único a cada indivíduo, que implica também nas suas relações com o mundo e o absoluto.

A vida subjetiva, para Rousseau, não é por si mesma uma vida ‘oculta’ ou recolhida na ‘profundez’; aflora espontaneamente à superfície, e a emoção é sempre demasiadamente poderosa para ser contida ou reprimida (STAROBINSKI, 1991, p. 188).

Rousseau afirma que pensar era uma ocupação pesada e sem encanto. Seu desejo agora é libertar-se das asas da imaginação. Uma escrita de si, é compreendida como a arte de traduzir um sentimento puro — ao passo que é também um lugar de solidão — um encontro do “eu” consigo mesmo — a tentativa de encontrar o sentido de sua existência (DOZOL; REIS, 2019). Podemos pensar ainda que essa escrita autobiográfica filosófica abre portas para o exercício do original na medida que se contrapõe às críticas e falsos valores. De acordo com Starobinski:

O devaneio de Rousseau trabalha para apagar essa exterioridade, para reabsorver essa diferença. Conversar consigo mesmo não será um meio tendo em vista um fim posterior e distante: será o fim supremo, o objetivo insuperável. E a escrita que *fixa* o devaneio será o suporte desse encontro do mesmo com o mesmo (STAROBINSKI, 1991, p. 171).

Portanto, vemos erguida, enfim, uma escrita que experimenta a solidão como condição existencial, um mergulho nas profundezas da interioridade, como um ato de liberdade e leveza:

O sujeito é sua emoção, e a emoção é imediatamente linguagem. Sujeito, linguagem, emoção já não se deixam distinguir. A emoção é o sujeito que se desvela, e a linguagem é a emoção que se fala. Na inspiração narrativa, Jean-Jacques é [...] sua linguagem (STAROBINSKI, 1991, p. 202).

Rousseau busca de maneira autêntica reinventar-se e proporcionar ao leitor essa veracidade, assim como os meios que ele se torna o que é, converte a dor e ressignifica como algo afirmativo, atribuindo-lhe novo sentido. “A própria dor física, em vez de aumentar meu sofrimento, me distrairia; ao arrancar-me gritos, talvez me poupasse lamúrias, e os dilaceramentos de meu corpo suspendessem os de meu coração” (ROUSSEAU, 2017, p. 17). Nas palavras de Starobinski (1991) Rousseau mergulha na dor para elaborar-se ativamente, e de certa forma se libertar, é um processo purificante e ressignificação da experiência do sofrimento.

Rousseau pode ser considerado um homem de paradoxos, e sua escrita reflete a si mesmo. Típico de um filósofo artista, tem a si mesmo como matéria-prima de pensamento, compreendendo as especificidades de seu processo, exerce um trabalho minucioso na autodescoberta, como bem afirma Starobinski (1991, p. 365) “o trabalho psíquico do devaneio consiste sempre em passar de um estado de perturbação e de conflito a um estado de simplicidade límpida [...]”. A solidão é um método de vida e escrita, com um propósito metodológico, Rousseau rompe barreiras na escrita filosófica.

Obstante a sua maestria gramatical, manifestada em sua arte de escrita, Rousseau se interessava por uma espécie de linguagem natural, a essência dessa linguagem está para além da gramática, prevalece uma força da linguagem que pressupõe a gramática, segundo Prado Jr. (2008, p. 129) “A força da linguagem reside, para uma perspectiva oposta à da Gramática, na subordinação da diferença de grau à diferença de qualidade, da clareza intelectual à qualidade moral”. Aponta ainda que somente na natureza da linguagem, que a justificação da inocência é possível (PRADO JR., 2008).

## **A AUTOBIOGRÁFICA FILOSÓFICA: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE NIETZSCHE E ROUSSEAU**

Ao rever o projeto autobiográfico de Nietzsche, “*Ecce homo*” (1888), observa-se como ele opera uma transformação na escrita filosófica, insere a reflexão acerca do sujeito tal como Rousseau, porém critica a ideia de subjetividade e a própria noção de autobiografia. Se propõe a pensar uma filosofia que busca a multiplicidade de experiências de si, assim como a reconstrução da subjetividade. De acordo com Deleuze, nas obras de 1888 de Nietzsche:

Tudo se passa como se as faculdades criadoras de Nietzsche se exacerbassem, ganhassem um último impulso que precede o afundamento. Até o tom muda, nestas obras de grande mestria: uma nova violência, um novo humor, como o cômico do Sobre-Humano. Ao mesmo tempo, Nietzsche constrói de si uma imagem mundial cósmica provocadora [...]” (DELEUZE, 2007, p. 14 – 15).

O “*Ecce homo*” se divide não somente num ensaio autobiográfico intelectual, faz também uma gênese de toda a filosofia de Nietzsche. Ao longo dos capítulos, Nietzsche não realiza uma narração meramente cronológica de sua vida. Ademais, sua escrita possui um modo particular, irônico, provocador e sarcástico, “ouçam-me! pois eu sou tal e tal. Sobretudo não me confundam!” (NIETZSCHE, 2008, p. 15).

Nietzsche é considerado um filósofo assistemático. Sua escrita em particular é constituída por aforismos. Sua escrita é fluida e metamórfica, devidamente marcada pela sua formação em Filologia, emprega o método genealógico em 1888. No *Ecce homo*, encontra-se uma narrativa entre pensamento e vivências, filosofia e existência, uma fusão perfeita entre a narrativa de si e a experiência do mundo: “as vivências como eventos do mundo, implicando a escrita de si como um experimento, uma jogada do mundo consigo mesmo através de alguém” (PIMENTA, 2015, p.77).

Com relação à forma de escrita de Nietzsche, Deleuze aponta uma excelente interpretação quando demonstra os dois meios de expressão que constituem a filosofia nietzschiana, o aforismo e o poema. Nas palavras de Deleuze (2007, p. 17):

Estas mesmas formas implicam uma nova concepção da filosofia, uma nova imagem do pensador e do pensamento. Ao ideal do conhecimento, à descoberta do verdadeiro, Nietzsche substitui a *interpretação* e a *avaliação*. Uma fixa o sentido, sempre parcial e fragmentário, de um fenómeno; a outra determina o valor hierárquico dos sentidos e totaliza os fragmentos, sem atenuar nem suprimir a sua pluralidade.

Podemos observar em suas obras uma pluralidade de conceitos. Poderíamos pensar o “*Ecce homo*” então como uma genealogia de si mesmo? Tanto Rousseau quanto Nietzsche fazem da autobiografia uma ferramenta na filosofia. Compreende-se que esse exercício autobiográfico nietzschiano foge dos métodos tradicionais das narrativas de si, e se insere no campo da reflexão e crítica, adentram na moral e no sujeito.

Por conseguinte, Deleuze irá deduzir posteriormente, não estaria Nietzsche fazendo uma antibiografia? Nietzsche nos direciona a repensar o papel da autobiografia

no interior da filosofia, trata-se de concepção crítica da autobiografia e da filosofia com categorias tradicionais. A filosofia nietzschiana recebe o rótulo de filosofia não acadêmica, o que faz de seus escritos algo inovador e provocativo, causando inquietações nas escritas tradicionais.

Diferente de Rousseau, em Nietzsche não observamos uma preocupação em manter a transparência ao relatar suas experiências vividas. No “*Ecce homo*” vemos além de uma escrita autobiográfica, trata-se também da finalização de seu projeto filosófico. No subtítulo “como alguém se torna o que é”, já se observa as intenções de Nietzsche, ao se apresentar como um paradoxo entre decadente e saudável, torna-se um pressuposto para uma filosofia que busca a construção de uma transvaloração, ou seja, a transformação das forças vitais reativas em forças ativas, implicando numa mudança nas condições envolvidas na produção dos valores no interior de uma sociedade.

Esse paradoxo constituinte pode ser compreendido a partir do capítulo intitulado “Por que sou tão sábio”, em que, Nietzsche (1888, p. 22) expõe que “da ótica do doente ver conceitos e valores mais sãos, e, inversamente, da plenitude e certeza da vida *rica* descer os olhos ao secreto labor do instinto de *décadence* — este foi o meu mais longo exercício, minha verdadeira experiência [...]”. Nietzsche faz de sua doença um experimento, se eleva aos seus limites para o seguinte anunciado, a recuperação da saúde acontece a partir de um ponto de vista filosófico.

A partir de suas experiências de sofrimento, doença e dores, físicas e psíquicas, Nietzsche transforma-as em experimento, produz uma filosofia afirmativa de vida, se contrapõe à metafísica e à decadência moral no homem moderno. Faz de si sua própria experiência filosófica, vindo a realizar a ressignificação do sofrimento, da doença e da fraqueza em momentos de alegria e força, e assim ele chega aos últimos momentos de seu projeto filosófico: uma filosofia das multiplicidades, metamórfica, fluída e cheia de vontade de poder. Processo semelhante ocorre com Rousseau, que transforma sua dor em ferramenta para sua escrita.

Ao escrever sobre si, Nietzsche prepara o terreno para algo além de uma escrita autobiográfica, grande parte da obra se torna uma gênese de seus pensamentos e obras anteriores. A autobiografia na mão desses dois autores são um meio para penetrar na filosofia. Para Nietzsche a fórmula seria, sem dúvidas, o *amor fati* “nada querer diferente, seja para trás, seja para frente, seja em toda a eternidade. Não apenas suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo [...], mas amá-lo” (NIETZSCHE, 2008, p. 49).

No capítulo 2 “Por que sou tão inteligente” Nietzsche fala de um cuidado de si que negligenciou durante alguns anos da sua vida, ele diz que “faltava um sutil ‘cuidado de si’, a *tutela* de um instinto imperioso, era um nivelar-se a qualquer um, uma ‘ausência de si’, um esquecimento da distância própria — algo que jamais me perdoou” (NIETZSCHE, 2008, p. 37). Nietzsche, nesse ponto, aborda diversos hábitos que prejudicam sua saúde e a saúde de qualquer indivíduo. Poderíamos considerar vícios na sociedade moderna, tais como a alimentação, clima, lugares, leituras, música, inclusive faz fortes críticas aos autores do seu tempo.

Como um pensador para além de seu tempo, Nietzsche entrelaça uma linguagem disruptiva, entre questões filosóficas, valores morais e sua própria experiência de vida, algo que não daria, segundo ele, para desenvolver por meio de uma escrita tradicional:

*Comunicar* um estado, uma tensão interna de *pathos* por meio de signos, incluído o *tempo* desses signos — eis o sentido de todo estilo; e considerando que a multiplicidade de estados interiores é em mim extraordinária, há em mim muitas possibilidades de estilo [...] (NIETZSCHE, 2008, p. 55).

Nietzsche avança em sua análise, ressaltando que:

*Bom* é todo estilo que realmente comunica um estado interior, que não se equivoca nos signos, no *tempo* dos signos, nos *gestos* — todas as leis do período são artes do gesto. [...] A arte do *grande* ritmo, o *grande estilo* dos períodos, para expressar um imenso fluir e refluir de paixão sublime, sobre-humana, foi descoberto somente por mim (NIETZSCHE, 2008, p. 55).

Nietzsche possui uma habilidade de escrita, devido a sua capacidade de lidar com as questões psicológicas. Outro aspecto em que Nietzsche se assemelha a Rousseau, está no apreço pela solidão, Nietzsche faz de sua solidão, a sua companhia, não a teme como os demais. “*Quem está só?* — O temeroso não sabe o que é estar só: atrás de sua cadeira há sempre um inimigo. — Oh, quem poderia nos contar a história do fino sentimento que se chama solidão!” (NIETZSCHE, 2016, p.158).

A solidão é restauradora, criadora, uma pausa na vida em sociedade, ou das máscaras sociais às quais Rousseau se refere. Um mergulho para dentro de si, aprendermos a lidar com nós mesmos, algo que nem sempre é possível em meio ao

turbilhão de acontecimentos. Nietzsche, em “Aurora” (1881), faz da solidão um tema pertinente:

*Perspectivas distantes.* — A: Mas por que essa solidão? — B: Não estou aborrecido com ninguém. Mas sozinho pareço ver os amigos de modo mais nítido e belo do que quando estou com eles; e quando amei e senti mais a música, vivia longe dela. Parece que necessito de perspectivas distantes para pensar bem das coisas (NIETZSCHE, 2016, p. 218).

A solidão dá a Nietzsche novas perspectivas, se distancia para poder observar com maior clareza. A partir desse distanciamento com o conhecido, Nietzsche adentrou nos campos mais emblemáticos da filosofia, dos quais se tornaram pontos fundamentais para a compreensão de seu pensamento.

Mediante o percurso realizado, encontra-se em Nietzsche uma extensa pesquisa acerca da crise da subjetividade na narrativa de si, “A filosofia do espírito livre, [...] tem como meta a transvaloração dos valores, como superação da decadência cultural do Ocidente, constituindo uma moralidade nobre, superior e afirmativa da vida” (GIANI, 2020, p. 72). Nietzsche critica o modelo de autobiografia tradicional, que se inicia em Rousseau, rejeita esse modelo tradicional e se contrapõe à própria história da filosofia. Com relação a essa crítica ao modelo de escrita autobiográfica, Deleuze aponta uma nova perspectiva a ser refletida, a ideia de “despersonalização”, dessa forma:

Dizer algo em nome próprio é muito curioso, pois não é em absoluto quando nos tomamos por um eu, por uma pessoa ou um sujeito que falamos em nosso nome. Ao contrário, um indivíduo adquire um verdadeiro nome próprio ao cabo do mais severo exercício de despersonalização, quando se abre às [16] multiplicidades que o atravessam de ponta a ponta, às intensidades que o percorrem. O nome como apreensão instantânea de uma tal multiplicidade intensiva é o oposto da despersonalização operada pela história da filosofia, uma despersonalização de amor e não de submissão. Falamos do fundo daquilo que não sabemos, do fundo de nosso próprio subdesenvolvimento. Tornamo-nos um conjunto de singularidades soltas, de nomes, sobrenomes, unhas, animais, pequenos acontecimentos: o contrário de uma vedete (DELEUZE, 2013, p. 15).

Destarte, é possível analisar o exercício de despersonalização dentro de um quadro pintado por Nietzsche, ao realizar críticas à linguagem em seus escritos de 1973. Existe um caráter arbitrário na formação das palavras, é o que Nietzsche nos anuncia. “As diferentes línguas, colocadas lado a lado, mostram que nas palavras nunca importa

a verdade, nunca uma expressão adequada: pois senão não haveria tantas línguas” (NIETZSCHE, 1999, p. 55). Simultaneamente,

A “coisa em si” (tal seria justamente a verdade pura sem conseqüências) é, também para o formador da linguagem, inteiramente incaptável e nem sequer algo que vale a pena. Ele designa apenas as relações das coisas aos homens e toma em auxílio para exprimi-las as mais audaciosas metáforas. Um estímulo nervoso, primeiramente transposto em uma imagem! Primeira metáfora. A imagem, por sua vez, modelada em um som! Segunda metáfora. E a cada vez completa mudança de esfera, passagem para uma esfera inteiramente outra e nova (NIETZSCHE, 1999, p.55).

Nietzsche nos apresenta uma concepção de metáfora. A Filosofia moderna é moldada a base de representações através da palavra e conceitos que refletem a realidade. O entendimento é um espelho que deve ser aperfeiçoado. Todavia, Nietzsche se desatreia desse pensamento, retomando a ideia de que o conhecimento provém da própria linguagem.

Acreditamos saber algo das coisas mesmas, se falamos de árvores, cores, neve e flores, e, no entanto, não possuímos nada mais do que metáforas das coisas, que de nenhum modo correspondem às entidades de origem (NIETZSCHE, 1999, p. 56).

A grande cartada final de Nietzsche é usar a escrita de si, não somente como uma mera narrativa, mas, escrever seu grande ato final da sua jornada filosófica. Transformar essa noção de sujeito múltiplo e fragmentado e levá-lo ao encontro de sua própria unidade, concretizando, dessa forma, uma genealogia de si.

Seus escritos provocam uma relação com o exterior na mesma medida que uma ligação com o intensivo, Deleuze, acerca da originalidade dos textos de Nietzsche, os vê como um novo tipo de livro: “o que faz o estilo da filosofia é o fato de que a relação com o exterior sempre é mediada e dissolvida por uma interioridade, numa interioridade” (DELEUZE, p. 60). Nietzsche faz o completo oposto, pensamento e escrita se fundam sobre a relação imediata com o exterior. Quando faz essa conexão, faz com que o aforismo se transforme em um jogo de forças.

Reformulando a multiplicidade do Eu e recriando-o, como um filósofo artista, Nietzsche reinventa o gênero literário autobiográfico e dá novas luzes à filosofia tradicional. Nasser (2015, p. 14) acredita que “é mais do que plausível que se eleja Nietzsche como a fonte que aparelha discursos rebeldes e joviais a contrapelo do conservadorismo incrustado na filosofia universitária”. Nietzsche em virtude de sua

recepção inicial, devido ao seu estilo artístico e literário, hoje consegue uma acolhida dentro da Filosofia, o seu espírito livre caminha em meio aos seus leitores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao que tudo indica, para Nietzsche o filósofo suíço teria captado e dado forma a esse sentimento latente, foi perceptivo na medida que, com certa profundidade adentra não somente a si, mas à cultura à sua volta. Apesar das marteladas de Nietzsche, ao chamar o genebrino de reativo.

É notório que apesar das severas críticas de Nietzsche ao genebrino, ambos inauguram grandes marcos na escrita autobiográfica. Não há em seus pensamentos uma oposição do afetivo ao racional, ou uma sobreposição do racional ao afetivo, pelo contrário, encontramos um elo que atinge sua máxima potência, sob uma ótica libertadora e não repressiva.

Assim, a escrita de si se torna uma aventura epistemológica. É no processo de escrita e busca desse “eu”, que encontramos uma linha tênue entre aquele que escreve e a verdade de quem se coloca nas alas do discurso. Ambos conseguem experimentar e recriar sua escrita, apesar de ambos não serem fiéis a ordem cronológica dos acontecimentos, ultrapassam os limites da linguagem e conseguem levar o leitor até o limite de suas reais expectativas. A autobiografia filosófica, ou a autobiografia como Deleuze tenta demonstrar em seus comentários acerca da escrita nietzschiana, com a noção de despersonalização, são potentes marteladas na filosofia ocidental.

Contudo, a investigação entre a relação do pensamento filosófico e a escrita de si nas obras de Rousseau e Nietzsche, traz nuances do que se considera uma escrita autobiográfica filosófica — ou, autobiografia filosófica, como se indica no título — a autobiografia age no interior da filosofia.

## REFERÊNCIAS

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Tradução de Leyla Perrone-Moises. São Paulo: Martins, 2005.

DELEUZE, G. **Conversações (1972 – 1990)**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, G. **Nietzsche**. Tradução de Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, 2007.

DELEUZE, Gilles. Pensamento nômade. In: MARTON, Scarlett (org.). **Nietzsche hoje?**: Colóquio de Cerisy. Tradução: Milton Nascimento, Sônia Salzstein Goldberg. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p. 57-76.

DOZOL, Marlene de Souza; REIS, Lia Presgrave. Escrita de si em Rousseau: lugar de solidão e afirmação radical da própria existência. **Contrapontos**, Itajaí, v. 19, ed. 1, p. 156 – 169, 2019. Disponível em: [www.unilavi.br/periodicos](http://www.unilavi.br/periodicos). Acesso em: 11 jul. 2022.

FAÇANHA, Luciano. A autobiografia filosófica de Rousseau: uma linguagem do sentimento. **Revista Cambiassu**, 2007, p. 123 – 136.

NASSER, E. **Nietzsche e a ontologia do vir-a-ser**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

NIETZSCHE, F. **Aurora**: reflexões sobre os preconceitos morais. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

NIETZSCHE, F. **Ecce homo**: como alguém se torna o que é. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, F. **Obras incompletas**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

PIMENTA, O. Escrita de si e experiência do mundo: notas sobre o “Ecce Homo” de Friedrich Nietzsche. In: CEI, V; DAYRELL, J. G.; AZARA, Michel M. F. (org.). **Literatura e a vida: por que estudar literatura?**. Vila Velha, ES: Praia Editora/RCG, 2015.

PRADO JÚNIOR, Bento. **A retórica de Rousseau e outros ensaios**. Organização a apresentação: Franklin de Mattos. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **As confissões**. Tradução: Wilson Lousada. São Paulo: Martin Claret, 2011.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Os devaneios de um caminhante solitário**. Trad. Laurent de Saes. São Paulo: Edipro, 2017.

STAROBINSKI, Jean. Os problemas da autobiografia. In: STAROBINSKI, Jean. **A transparência e o obstáculo**: seguido de sete ensaios sobre Rousseau. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

*Submetido em: 01/02/2023*

*Aceito em: 18/03/2023*